

JAMBU

(*Spilanthes oleracea* L.)

Marinice Oliveira Cardoso¹

Lucinda Carneiro Garcia¹

Aspectos Gerais

O jambu, também conhecido como agrião-do-pará, agrião-do-norte, agrião-do-brasil, abecedária e jambuassu, é uma planta autóctone da América do Sul (Brasil, Colômbia, Guianas e Venezuela), onde pode ser encontrada cultivada ou subspontânea. Há relatos de seu cultivo também na Índia, na América Central, e em alguns países da Europa.

O uso das folhas (e talos) do jambu como hortaliça é muito difundido entre os amazônidas, por serem indispensáveis na preparação de iguarias regionais, como o pato-no-tucupi e o tacacá (iguaria de origem indígena cujos ingredientes são o tucupi, goma de mandioca, jambu e camarão seco). Além disso, a folhagem é utilizada em cozidos e sopas. Em saladas, faz-se uso das folhas cruas. Suas propriedades condimentares estão relacionadas com o sabor acre e pungente de suas folhas. O uso, entretanto, deve ser feito com moderação, uma vez que é uma planta também com propriedades terapêuticas, podendo provocar reações adversas se for ingerida em quantidades inadequadas. Sabe-se que os índios da Amazônia empregavam o jambu de maneira adequada na alimentação, na cura de doenças e como anestésico de peixes, para facilitar a pesca.

O uso do jambu na medicina popular dá-se *in natura*, ou na forma de chás, xaropes e tinturas, preparados a partir das folhas ou flores da planta, ou em associação com outras plantas. Sua indicação contra anemia e escorbuto, pode ser indício de que seja uma boa fonte de ferro e vitamina C. É empregada, ainda, contra dispepsia, cálculos da bexiga, problemas hepáticos e das

¹ Pesquisadoras da Embrapa/CPPA, C. Postal 319, Manaus, AM, CEP 69048-660.

vias respiratórias (tosse). Sua tintura é considerada eficaz contra doenças da boca e garganta. Outras indicações contemplam ação excitante, tônica, emenagoga, febrífuga, cicatrizante, anti-espasmódica, afrodisíaca e narcótica (anestésica). Alguns efeitos curativos do jambu já foram confirmados em recentes estudos químicos e farmacológicos de seu óleo essencial, que revelaram a existência de substâncias com atividade medicinal, evidenciando que a planta apresenta também potencial para uso na indústria farmacêutica.

O jambu é encontrado em hortas domésticas e cultivado com finalidade comercial por pequenos agricultores. As técnicas de cultivo predominantes são as tradicionais, herdadas dos nativos da Região Amazônica.

A demanda do jambu como hortaliça deverá aumentar na região, em função do esperado crescimento do setor de turismo ecológico, que vem sendo bastante incentivado. Em decorrência disto, as comidas típicas regionais serão amplamente requisitadas como elemento ativo das tradições culturais dos habitantes da Amazônia. Neste sentido, o cultivo desta hortaliça adquirirá maior expressão econômica e social, passando a requerer maiores estudos para a melhora de seu cultivo, comercialização e conservação do produto.

Características Botânicas e Variedades

A espécie é da família *Asteraceae* (Compositae); é herbácea, de pequeno porte e hastes rastejantes, ramificadas. Possui folhas longopeciadas, de disposição oposta, ovadas, dentadas e de ápice agudo. Flores amarelas dispostas em capítulos, terminais ou axilares. O fruto é do tipo aquênio, oblongo, marginado, aristado. As sementes são achatadas e de tamanho diminuto, tanto que em 1 g destas ainda com impurezas (restos de infrutescências), contam-se cerca de 2.000 sementes.

Na Região Amazônica podem ser detectados dois tipos de plantas reconhecidas como jambu: o mais cultivado, denominado jambuassu ou botão-de-ouro, de flores amarelo-ouro e sementes cinza escuras; o outro, conhecido como jambu-zebu, jambu-branco ou jamburana (jambuarana), de flores amarelo-claras e sementes esbranquiçadas. As denominações jambuassu e jamburana são de origem indígena, sendo que a primeira significa “espécie maior de jambu”, do tupi **assu**, grande; a segunda “planta semelhante ao jambu”, do tupi **rana**, semelhante, igual.

Na avaliação popular, o valor condimentar do jambuassu é tido como superior ao do jamburana, devido ao sabor mais acentuado de suas folhas,

sendo por isso mais utilizado como hortaliça. O jamburana é mais usado como planta medicinal.

Os dois tipos têm sido relatados como variedades da mesma espécie, mas perduram dúvidas a este respeito.

Exigências de Clima e Solos

Em geral, a espécie tem apresentado comportamento idêntico em condições de clima tropical e subtropical. Observações realizadas no Brasil Central, em localidade com altitude de 1.100 m e clima classificado como úmido mesotérmico (temperaturas anuais médias entre 15°C a 20°C), o jambu mostrou ótimo desenvolvimento vegetativo e florescimento constante. Nas condições da Amazônia, em que prevalecem temperaturas elevadas e umidade relativa do ar em torno de 90%, o jambu também desenvolve-se bem e floresce continuamente. Mas, no período chuvoso, as chuvas fortes e excessivas favorecem o aparecimento de doenças, provocam estragos nas plantas, e promovem a lavagem dos nutrientes do solo, resultando em baixa qualidade do produto obtido. O final do período chuvoso é o indicado para o plantio, como fuga aos danos descritos anteriormente.

Os solos areno-argilosos e os ricos em matéria orgânica têm sido recomendados para o cultivo do jambu. Quanto à umidade do solo, não são conhecidos trabalhos sobre suas exigências. Mas, na concepção popular, a planta não tolera água estagnada, porém vegeta muito bem em terrenos muito úmidos, em decorrência da passagem de água corrente sempre límpida e fria. Alguns raros trabalhos e observações em hortas experimentais têm mostrado que o jambu cultivado em canteiros normais beneficia-se muito das adubações orgânicas. Isto, possivelmente, deve-se a que a matéria orgânica, entre outros benefícios, aumenta a capacidade do solo em armazenar água.

Propagação e Cultivo

A propagação do jambu pode ser realizada por sementes e por estacas. As sementes não são comercializadas; são coletadas e guardadas pelos próprios agricultores. Para isto, algumas plantas são reservadas e deixadas para que floresçam e frutifiquem, visando à obtenção de sementes, cuja produção é abundante em cada planta. Nas áreas inundáveis da Amazônia (várzeas),

o jambuarana é propagado apenas vegetativamente, uma vez que não se obtém sucesso com o plantio das sementes, pois estas não germinam, fato que pode estar relacionado com dormência da semente ou ausência de embrião. Para sua preservação, quando as áreas estão alagadas, é usado o recurso de cultivo em recipientes, para obtenção de estacas com vistas ao plantio na descida das águas.

Tratando-se de sementes muito pequenas, é aconselhável a produção de mudas em sementeiras. A semeadura deverá ser uniforme, porém rala, para proporcionar espaço suficiente às mudas até o transplantio para o local definitivo. A germinação verifica-se sete dias após a semeadura, aproximadamente. Nas localidades onde existe disponibilidade de casca de arroz, cobre-se o solo com uma fina camada desta, logo após a semeadura. Outro método de proteção consiste na construção de uma cobertura baixa (25 cm a 30 cm de altura), com folhas de palmeiras, que deve ser retirada logo após a germinação, para que as mudas não fiquem estioladas. A irrigação da sementeira deve ser diária e suficiente.

No local definitivo, o espaçamento mais comumente usado é o de 20 cm x 25 cm, que permite o cultivo de 90 plantas por canteiro de 6 m² (5,0 m x 1,2 m), em 5 linhas de 18 plantas. Cobertura idêntica à da sementeira, com aproximadamente 80 cm de altura, é usada após o plantio no local definitivo.

Embora existam recomendações para a retirada da cobertura, logo após o pegamento das mudas ou das estacas, grande parte dos produtores de jambu optam por mantê-la, porém mais raleada. Este hábito está relacionado com a idéia de que o mesmo tolera certo sombreamento, e que é favorecido pelo não-aquecimento da superfície do solo e da umidade da camada superficial.

A adubação orgânica recomendada é de 3 kg de esterco de galinha ou de composto orgânico (1 parte de serragem: 1 parte de restos vegetais: 1 parte de esterco de curral) ou 8 kg de esterco de curral por m² de canteiro.

Em Latossolo Amarelo muito argiloso (baixa fertilidade) de terra firme da Região Amazônica, tem-se obtido excelente desenvolvimento das plantas, com o uso de fertilização química nas doses de 200 g de superfosfato simples e 50 g de cloreto de potássio por metro quadrado de canteiro, e pulverizações foliares, semanalmente, com soluções de uréia. A dosagem ini-

cial é de 0,1% (1 g de uréia para 1ℓ de água), aumentando-se para 0,2% quando a planta encontra-se desenvolvida, podendo atingir até a 0,3%. Em solos de várzea naturalmente férteis, não se faz uso de adubação química. Entretanto, em localidades com disponibilidade de matéria orgânica, faz-se uso deste tipo de adubação, obtendo-se boa resposta das plantas.

Durante todo o ciclo, as regas devem ser freqüentes, especialmente após o transplante das mudas ou plantio das estacas. Entretanto, se o cultivo coincidir com o final do período chuvoso, as irrigações podem tornar-se desnecessárias ou mais espaçadas.

As capinas são necessárias no início da instalação da cultura, para evitar a concorrência de invasoras.

Pragas e Doenças

Pragas

Na fase inicial, o jambu pode sofrer danos causados por grilos - *Gryllus assimilis* (Fabr., 1775) (Orthoptera: Gryllidae), paquinhas - *Neocurtilla hexadactyla* (Perty, 1832) (Orthoptera: Gryllotalpidae) e lagarta-rosca - *Agrotis ipsilon* (Hüfnagel, 1776) (Lepidoptera: Pyralidae). Estas pragas podem ser combatidas com o auxílio de iscas.

Para grilos e paquinhas, a isca é preparada com 1 kg de farelo de trigo, 100 g de um inseticida apropriado, 100 g de açúcar ou melaço e 0,5 ℓ de água. A massa moldável obtida deve ser espalhada nos canteiros.

A lagarta-rosca ataca cortando as plantas jovens rente ao solo. Para o seu controle, a isca deve ser a seguinte: 100 g de inseticida Trichlorfon (pó molhável a 80%), 200 g de açúcar, 2 kg de farelo de arroz e água suficiente para granular a mistura. Esta quantidade é suficiente para 1.000 m² de área. Espalhar ao anoitecer, por cima do solo e próximo às plantas. À noite, as lagartas saem do solo e são atraídas pelas iscas.

Em fase mais adiantada de crescimento das plantas, tem sido constatado o ataque de hemípteros (pulgões), principalmente nas folhas mais jovens,

causando enrugamento. Os pulgões podem ser controlados, pulverizando-os com calda de fumo, que é um inseticida natural pouco tóxico para o homem. A calda de fumo é preparada deixando-se imerso em água (2 ℓ) e álcool (1 ℓ) 100 g de tabaco, por 24 horas. Depois, misturar com sabão em barra (50 g), picado, dissolvido em água morna (1 ℓ). Misturar tudo, diluir para 5 ℓ de água, e aplicar.

Pequenos besouros (coleópteros) que comem as folhas, podem causar danos ao jambu. O controle com produtos químicos só deve ser praticado nos casos de extrema necessidade, pois trata-se de uma hortaliça folhosa que pode ser consumida crua. Como medida preventiva, deve-se evitar o plantio próximo a leguminosas que favorecem o aumento do nível populacional na área, contribuindo para o ataque ao jambu.

Doenças

Na fase inicial de crescimento, podem ser observados ataques por fungos de solo causadores de “mela” ou “tombamento”. O controle torna-se mais fácil quando as mudas são produzidas em sementeira, onde a área é pequena e o solo pode ser tratado com produtos específicos. O fungo *Puccinia cnici-oleracei*, causador de ferrugem, pode ocorrer próximo ou durante o florescimento e frutificação, sendo mais freqüente no período chuvoso. Preventivamente, deve-se efetuar a rotação de cultura para impedir o acúmulo de grande concentração de inóculo; evitar o uso de adubações desequilibradas e o plantio em solos compactados, que favorecem o surgimento de plantas debilitadas, suscetíveis ao ataque do fungo. Outra estratégia, no caso da doença já estabelecida (início), é fazer uso imediato do produto, providenciando-se a colheita total das plantas.

Colheita e Comercialização

A colheita inicia-se 35 a 50 dias após plantio das estacas ou transplante das mudas. Pode-se colher a planta inteira ou apenas os ramos mais desenvolvidos. No último caso, o corte a uns 5 cm a 7 cm do solo promoverá o surgimento de brotação uniforme e vigorosa. Geralmente, este procedimento repete-se por duas vezes; isto prolonga o período de colheita e pode triplicar o rendimento dependendo do manejo e tratos culturais dispensados à cultura.

O jambu é comercializado em maços grandes de ramos que podem conter flores. O preço do maço varia muito com a época do ano. Na proximidade das festas juninas, o produto alcança altas cotações no mercado, dada a sua utilização em pratos típicos da época.

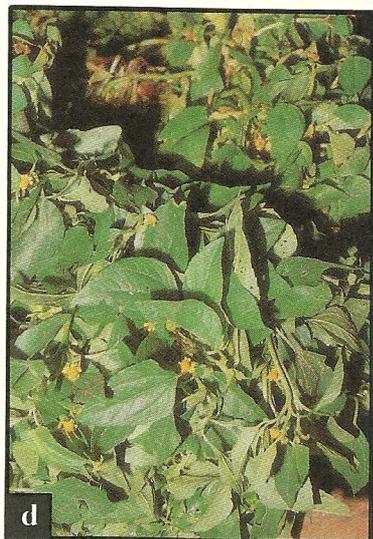
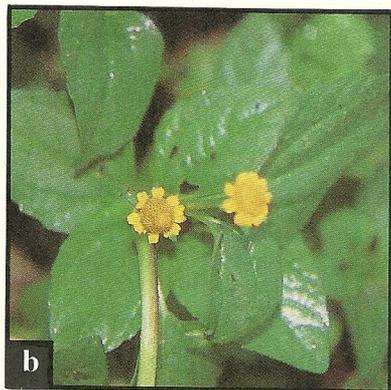
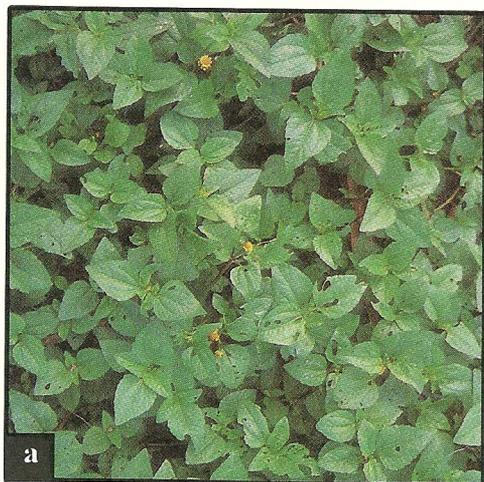


FIGURA 16. Jambu: a. Plantas; b. Flor; c. Sementes; d. Comercialização dos ramos.

Bibliografia

- AGRIÃO-do-Pará. **Plantas que Curam**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.33, 1983.
- BAILEY, L.H. **The standard cyclopedia of horticulture**. New York: Macmillan, 1947. v.3, p.3205.
- GIACOMETTI, D.C. Estratégias de coleta e conservação de germoplasma hortícola da América Tropical. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO SOBRE RECURSOS GENÉTICOS DE ESPÉCIES HORTÍCOLAS, 1., 1989, Campinas. **Anais...** Campinas: Fundação Cargill, 1990. p.91-110.
- JOLY, A.B. **Botânica: introdução à taxonomia vegetal**. 2.ed. São Paulo: Nacional / USP, 1975. 777p.
- MATTOS, J.K. de A.; GRAÇAS, M.A. das. Coleção viva de ervas medicinais na Universidade de Brasília. Primeiro ano de observação. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.33, p.96-103, 1980. Suplemento.
- PIMENTEL, A.A.M.P. **Olericultura no trópico úmido: hortaliças na Amazônia**. São Paulo: Ceres, 1985. 322p.
- PIO CORRÊA, M. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: MINAGRI, 1926. v.1, p.39.
- SILVA, F.D.F.; NODA, H.; CLEMENT, C.R.; NODA, J. Efeito da matéria orgânica na produção de biomassa de jambu. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v.6, n.1, p.80, 1988. Resumo 221.
- ZEVEN, A.C.; WET, J.M.J. de. **Dictionary of cultivated plants and their regions of diversity**. Wageningen: PUDOC, 1982. 263p.